

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

O Teatro do Oprimido na Aula de Literatura

Érica Rodrigues Fontes¹

Resumo: Este trabalho resulta de observações feitas a partir de um projeto que objetivou uma melhor absorção de conteúdos literários por alunos de literatura lusófona da Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill. As observações foram feitas de agosto de 2004 a maio de 2006. Este artigo concentra-se no resultado concernente ao trabalho desenvolvido com dois contos do escritor moçambicano Mia Couto, “O fogo” e “A princesa russa”. No ensino dos mesmos foi usada a metodologia do Teatro do Oprimido, que divide a sociedade no binário Oprimido/Opressor, para estudar as relações presentes nos textos e a partir de então sugerir uma interpretação mais profunda dos mesmos.

Palavras-chave: Teatro do Oprimido, *Performance* de Literatura e Metodologia de Ensino na Sala de Aula

Abstract: This report springs from observations made during a project that aimed at a better learning of literature by Lusophone Literature students at the University of North Carolina at Chapel Hill. The observations were held from August 2004 to May 2006. The article focuses on the results concerning the work developed with two of Mia Couto’s short stories: “The Fire” and “The Russian Princess”. The methodology of the Theater of the Oppressed, which divides society in the binary Oppressed/ Oppressor, was used to teach these two texts, analyzing how characters relate and developing a deeper interpretation of them.

Key Words: Theater of the Oppressed, Performance of Literature, Classroom Methodology

O presente relato é o resultado de observações feitas a partir de um projeto que objetiva a melhor absorção de conteúdos literários pelos alunos de literatura da graduação. O projeto, iniciado no mês de agosto de 2004, terminou em maio de 2006. As experiências relatadas foram feitas nas turmas de Português 40 (Introdução à Literatura Lusófona), da qual fui instrutora, no período supracitado, na Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill. Para desenvolver o meu projeto resolvi unir a minha experiência teatral (escrevi minha tese de doutorado sobre teatro político, especificamente sobre alguns dos grupos contemporâneos do Teatro do Oprimido de Augusto Boal) e docente. Neste artigo me concentrarei apenas no resultado concernente ao trabalho desenvolvido com dois contos do escritor moçambicano Mia Couto, “O fogo” e “A princesa russa”.

¹ Bolsista PRODOC da CAPES junto à Universidade Federal do Piauí

Há pelo menos dois fatores que favorecem a utilização do método teatral de Boal nesta aula de literatura: as circunstâncias políticas e sociais sob as quais os textos tratados foram escritos e o fato do Teatro do Oprimido ser um tipo de teatro que tem como proposta final a discussão de problemas sociais. É no Teatro Fórum, uma das técnicas do Teatro do Oprimido, onde há o incentivo à discussão de problemas sociais, que a participação da platéia pode ser mais claramente notada. Nas aulas supracitadas, usei a idéia geral do Teatro do Oprimido, que divide a sociedade no binário Oprimido/Opressor (todos os jogos e exercícios deste tipo de teatro são moldados a partir desta mentalidade) para estudar as relações presentes nos textos e a partir de então sugerir uma interpretação mais profunda do mesmo.

“O fogo”, de Mia Couto trata da deprimente estória de um pobre casal que não possui mais nenhuma perspectiva de vida. Até seus filhos já lhes foram tomados, o que é mencionado no final do conto. Nos momentos iniciais, a mulher é apresentada como um ser vazio. Seu marido é quase desprovido de um corpo. A partir daí, ao se tornarem conscientes de sua própria desgraça, que não mostra perspectiva de melhora, o marido se esmera em pensar numa solução para a situação: ele decide que vai começar a cavar suas covas. O marido começa a cavar a cova da mulher primeiro, com medo de algo acontecer que possa impedi-lo de levar o processo adiante. Pouco depois, o marido chega à conclusão de que é inútil deixar uma cova aberta, se nada vai ser feito com ela: o próximo passo é, portanto, matar a mulher. Os dois marcam a data para o assassinato, mas o marido morre antes, não conseguindo completar o feito.

Para uma análise teatral deste conto, a aula foi dividida em quatro partes. Na primeira parte, a turma foi separada em dois grupos diferentes, com dois leitores voluntários, que leram respectivamente a primeira e segunda parte do conto. Enquanto o **GRUPO A** ouvia ou fazia a leitura da primeira parte do conto, o **GRUPO B** esperava do lado de fora da sala e vice-versa. Uma música de fundo salientava o caráter triste do texto, enquanto a leitura era feita e todos, menos o leitor, mantinham seus olhos fechados. Posteriormente às duas partes da leitura do conto, os dois grupos se encontraram para debater os pormenores da estória. Depois deste ponto, direcionamos nossa atenção à dicotomia Opressor/Oprimido e como isso se aplicava ao texto. Foi através deste procedimento que muitos alunos se deram conta de que a opressão maior do texto “O fogo” vai muito além da relação conjugal dos dois suicidas. Esta opressão está numa esfera invisível, social e politicamente apresentada. A partir desta conclusão, o marido passa de

Opressor a igualmente Oprimido por Opressores tão abstratos quanto à pobreza, depressão e tédio.

Em “O fogo”, o grande dilema da discussão foi a dicotomia pobreza e tédio. No entanto, depois que as diferentes cenas que tratavam das duas diferentes questões foram montadas e algumas substituições ocorreram, a turma chegou à conclusão de que a pobreza era muito mais opressora do que o tédio, pois o segundo pode ser mais facilmente combatido por pessoas de todas as classes sociais.

Neste primeiro dia de aula, percebi que muitas destas questões jamais seriam tratadas se não tivéssemos utilizado este método. O sucesso desta primeira experiência foi o que me motivou a prosseguir com a aplicação dos exercícios do Teatro do Oprimido em outros textos.

Os temas de “A princesa russa” são bastante similares aos de “O fogo”, a partir do momento em que pensamos na natureza opressora dos dois. A estória narra a confissão de Fortin, assimilado negro e criado de Iúri e Nádia, que possuem uma mina na cidade moçambicana de Manica. O foco da estória é a relação entre o criado e sua patroa e as descobertas pelas quais os dois passam a partir do contato de suas diferenças. Enquanto Nádia tem a pele alvíssima, Fortin é negro. Enquanto ele é homem, ela é mulher. Enquanto ele pode ir e vir, ela deve ser mantida em casa, cultuando um relógio russo de família, que representa sua ligação com tradições e com a terra natal.

Nádia tenta contatar o mundo exterior através de Fortin: ela vai ao seu quarto e se impressiona com as condições de vida dele, e quanto mais se aproxima deste homem, mais quer sair de sua casa, pedindo a ele que a leve para outros lugares na redondeza. Quando Iúri descobre a respeito de suas saídas, passa a proibi-las, o que gera o momento mais crítico da narrativa. Um dia Nádia espera o marido chegar da mina, quebra o relógio russo e dança longamente sobre os cacos de vidro, cortando-se e enchendo o cômodo de seu sangue. A estória termina com a fuga de Fortin para a cidade de Gondola e o enlouquecimento gradual de Nádia.

Quando pedi aos alunos que escolhessem o momento que demonstrasse uma intensa emoção e que exagerassem essa emoção em uma cena teatral, todas as duplas optaram por escrever sobre o episódio da quebra do relógio. Duas das cenas apresentadas são descritas a seguir.

Na primeira cena, um pouco chocante para toda a turma, um aluno se pôs de pé e tomando uma cadeira, jogou-a no chão, com fúria. Essa cena levou-nos a debater sobre o

caráter frustrante da prisão residencial de Nádia e a fúria que foi expressa pela quebra do relógio.

A segunda cena foi, contudo, bastante diferente. O segundo aluno não se utilizou de nenhum objeto para fazê-la e apresentou uma dança que se assimilava a uma dança russa folclórica, com vários movimentos simultâneos dos membros inferiores e superiores. Sua expressão facial, no entanto, apresentava uma felicidade quase macabra. Perguntei a toda a turma a sua opinião sobre a cena e, para minha surpresa, eles me mostraram algo que eu não tinha percebido: esse momento é psicologicamente para Nádia um momento limite entre a normalidade e a loucura, o que foi claramente ilustrado no rosto do segundo aluno.

Para Boal, o Teatro só pode ser do Oprimido se ele (o Oprimido) participar do seu processo. Da mesma forma, pelas experiências vistas até a presente data, percebo que a literatura só se torna objeto de intensa discussão se o aluno puder entrar no contexto do livro, participando da vida dos personagens como se fosse a sua própria, o que é exemplificado com o exercício aplicado em “A princesa russa.” Um outro fator a motivar a discussão é a transferência do contexto do conto para o contexto do leitor ou espectador, aplicando uma realidade literária a uma realidade social, tal como visto na análise de “O fogo”. Somente a partir de um profundo envolvimento com a obra literária pela sua imaginação, o aluno contribuirá com um avanço no campo interpretativo da mesma, relacionando-a com suas próprias questões e fazendo-a parte da sua vida.

Bibliografia

- Bendelak, Olivar. “Substituting the Oppressed.” Trans. Stephan Tobler. Metaxis 2. Aug. 2002: 46.
- Boal, Augusto. Técnicas latino-americanas de teatro popular: uma revolução copernicana ao contrário. 2nd ed. São Paulo: HUCITEC, 1984.
- . Theater of the Oppressed. Trans. Charles A. and Maria-Odilia Leal McBride. New York: Theater Communications Group, 1985.
- . Entrevista pessoal. 16 July, 2003.
- Couto, Mia. Cada homem é uma raça. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- . “The Fire.” Voices Made Night. Trans. David Brookshaw. Oxford: Heinemann, 1986. 1-5.
- Eco, Umberto. Eco, Umberto. The Role of the Reader: Explorations in the Semiotics of Texts. Bloomington: Indiana U P, 1979.

Playing Boal: Theatre, Therapy, Activism. Ed. Mady Schutzman and Jan Cohen-Cruz.
London: Routledge, 1994.